

Cultura, comunicação e desenvolvimento: um olhar crítico sobre processos, meios e mercados


Marcelo Rangel Lima

Mestrando Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, Brasil.

Contato: marcrangel@hotmail.com

Obra resenhada

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Campo aberto para a crítica da epistemologia da comunicação**. Aracaju: Edise, 2015.



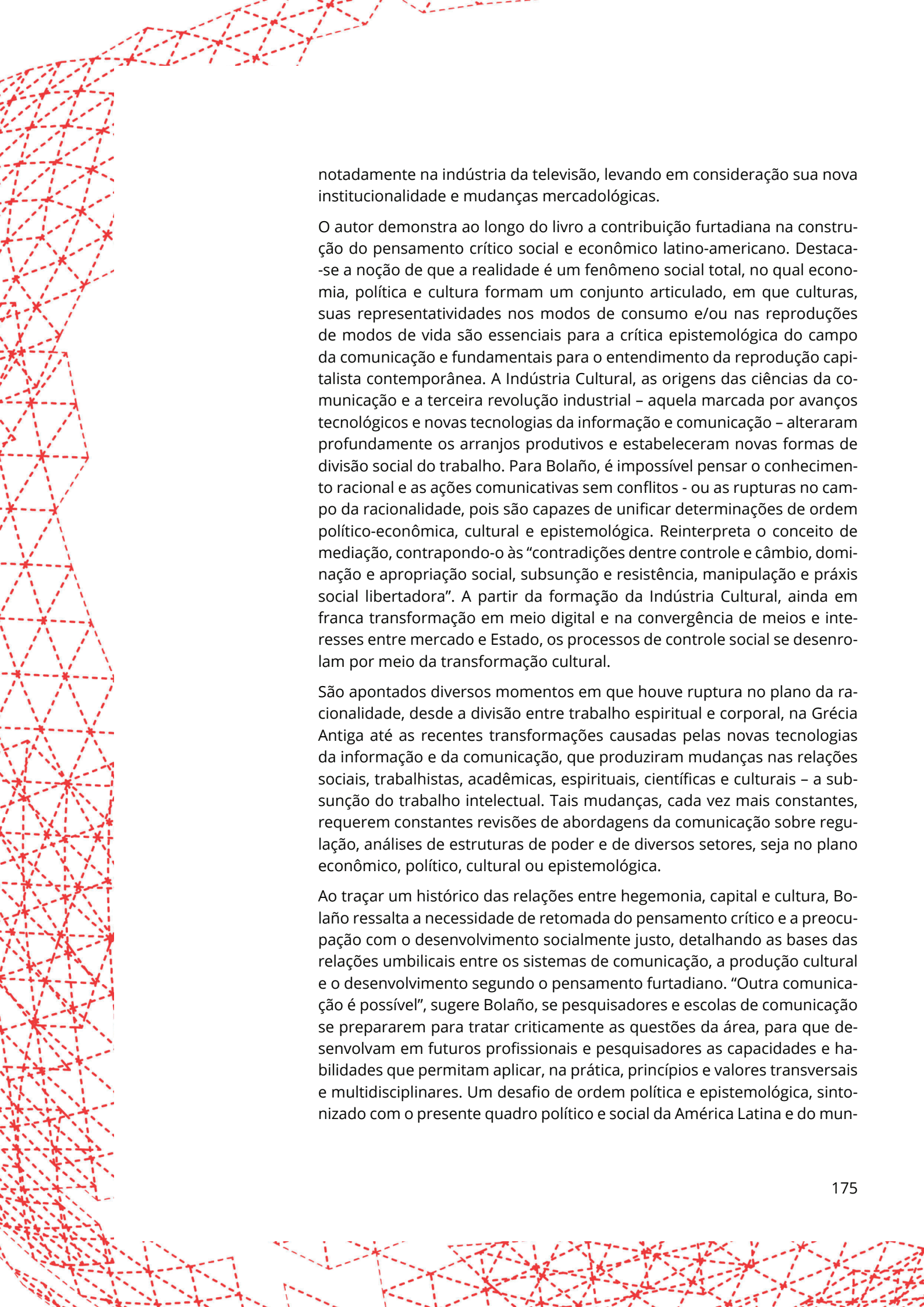
1. Apesar de ter sido publicado há mais de dois anos, o livro permanece atual pois, além de situar a contribuição de Celso Furtado no debate epistemológico da comunicação, aponta caminhos para que profissionais e pesquisadores estejam munidos em embates práticos, valendo-se de fins e princípios voltados para que um desenvolvimento que possibilite o crescimento de sociedades habilitadas para compreender e confrontar interesses financeiros, causas antidemocráticas e retrocessos sociais

O livro é resultado da pesquisa *O Conceito de Cultura em Celso Furtado*, realizada através do Programa Cátedras IPEA-CAPES de Desenvolvimento ao longo de 2011 e 2012 na perspectiva da EPC, teoria da comunicação em que o autor é nacional e internacionalmente reconhecido por sua produção acadêmica sobre processos e fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que influenciam sistemas, meios e modelos de comunicação de massa. Sua contribuição é considerada pioneira no Brasil e tem respaldo internacional também por sua atuação intensa e proativa na Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIIC) e na União Latina da Economia Política da Informação, Comunicação e da Cultura (ULEPICC). A obra, que já tinha uma versão digital disponibilizada pelo Observatório de Economia da Comunicação (OBSCOM) em 2012, foi lançada em versão impressa pela Editora Diário Oficial de Sergipe (EDISE) em 2015¹.

O trabalho de Bolaño tem foco central no debate epistemológico envolvendo a natureza, as etapas e os limites do conhecimento acerca da comunicação e da cultura. Ao resgatar o pensamento de Celso Furtado (1920-2004) para propor análises que situam rupturas no plano da racionalidade do processo histórico como pontos de partida para reflexões teóricas e práticas sobre a Comunicação, apresenta um debate amplo e complexo sobre produção, distribuição e circulação de produtos culturais, comunicação de massa e as relações destes temas com as noções de desenvolvimento e dependência enunciadas por Furtado.

Composta por cinco capítulos e um apêndice metodológico em que são especificados os caminhos escolhidos para os enunciados propostos e contrapostos a outras escolas da Economia Política. No primeiro capítulo, o autor trata do conceito furtadiano de ruptura no campo da racionalidade segundo sua própria interpretação, considerando o “sistema global de cultura” também tratado por Furtado. No capítulo seguinte, trata das articulações entre comunicação e capitalismo, considerando a primeira como fruto da hegemonia norte-americana em torno da Indústria Cultural, demonstrando a complexidade dos atuais desafios da luta epistemológica e os desafios deste debate na América Latina.

O capítulo subsequente fortalece a necessidade de retomar o pensamento latino-americano na comunicação e de propor uma nova reflexão crítica como alternativa contra-hegemônica. No quarto capítulo, Bolaño atualiza o debate sobre a teoria da dependência de Celso Furtado, retomando sua problemática, bem como a do desenvolvimento e do subdesenvolvimento, considerada como fundamental para a compreensão do atual momento da relação entre capitalismo e comunicação. Finalmente, em seu último capítulo, o debate centra-se na economia política da comunicação e da cultura e na apresentação de conceitos de indústrias criativas e economia criativa a partir de autores da EPC europeia, traçando um ponto de vista alternativo ao demonstrar como a perspectiva de Celso Furtado sobre desenvolvimento e criatividade deve ser analisada como espaço de luta de classes,

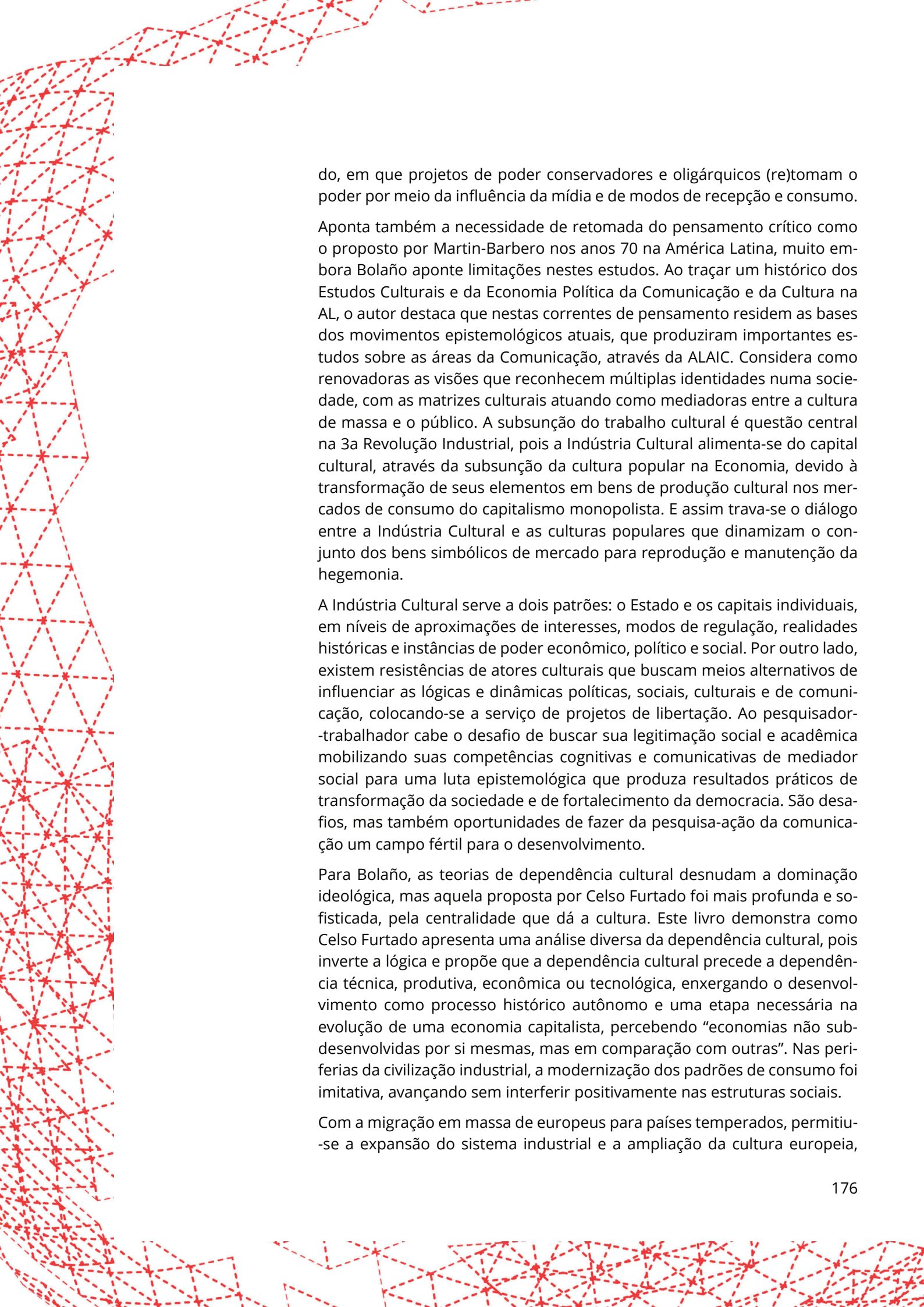


notadamente na indústria da televisão, levando em consideração sua nova institucionalidade e mudanças mercadológicas.

O autor demonstra ao longo do livro a contribuição furtadiana na construção do pensamento crítico social e econômico latino-americano. Destaca-se a noção de que a realidade é um fenômeno social total, no qual economia, política e cultura formam um conjunto articulado, em que culturas, suas representatividades nos modos de consumo e/ou nas reproduções de modos de vida são essenciais para a crítica epistemológica do campo da comunicação e fundamentais para o entendimento da reprodução capitalista contemporânea. A Indústria Cultural, as origens das ciências da comunicação e a terceira revolução industrial – aquela marcada por avanços tecnológicos e novas tecnologias da informação e comunicação – alteraram profundamente os arranjos produtivos e estabeleceram novas formas de divisão social do trabalho. Para Bolaño, é impossível pensar o conhecimento racional e as ações comunicativas sem conflitos - ou as rupturas no campo da racionalidade, pois são capazes de unificar determinações de ordem político-econômica, cultural e epistemológica. Reinterpreta o conceito de mediação, contrapondo-o às “contradições dentre controle e câmbio, dominação e apropriação social, subsunção e resistência, manipulação e práxis social libertadora”. A partir da formação da Indústria Cultural, ainda em franca transformação em meio digital e na convergência de meios e interesses entre mercado e Estado, os processos de controle social se desenrolam por meio da transformação cultural.

São apontados diversos momentos em que houve ruptura no plano da racionalidade, desde a divisão entre trabalho espiritual e corporal, na Grécia Antiga até as recentes transformações causadas pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, que produziram mudanças nas relações sociais, trabalhistas, acadêmicas, espirituais, científicas e culturais – a subsunção do trabalho intelectual. Tais mudanças, cada vez mais constantes, requerem constantes revisões de abordagens da comunicação sobre regulação, análises de estruturas de poder e de diversos setores, seja no plano econômico, político, cultural ou epistemológica.

Ao traçar um histórico das relações entre hegemonia, capital e cultura, Bolaño ressalta a necessidade de retomada do pensamento crítico e a preocupação com o desenvolvimento socialmente justo, detalhando as bases das relações umbilicais entre os sistemas de comunicação, a produção cultural e o desenvolvimento segundo o pensamento furtadiano. “Outra comunicação é possível”, sugere Bolaño, se pesquisadores e escolas de comunicação se prepararem para tratar criticamente as questões da área, para que desenvolvam em futuros profissionais e pesquisadores as capacidades e habilidades que permitam aplicar, na prática, princípios e valores transversais e multidisciplinares. Um desafio de ordem política e epistemológica, sintonizado com o presente quadro político e social da América Latina e do mun-



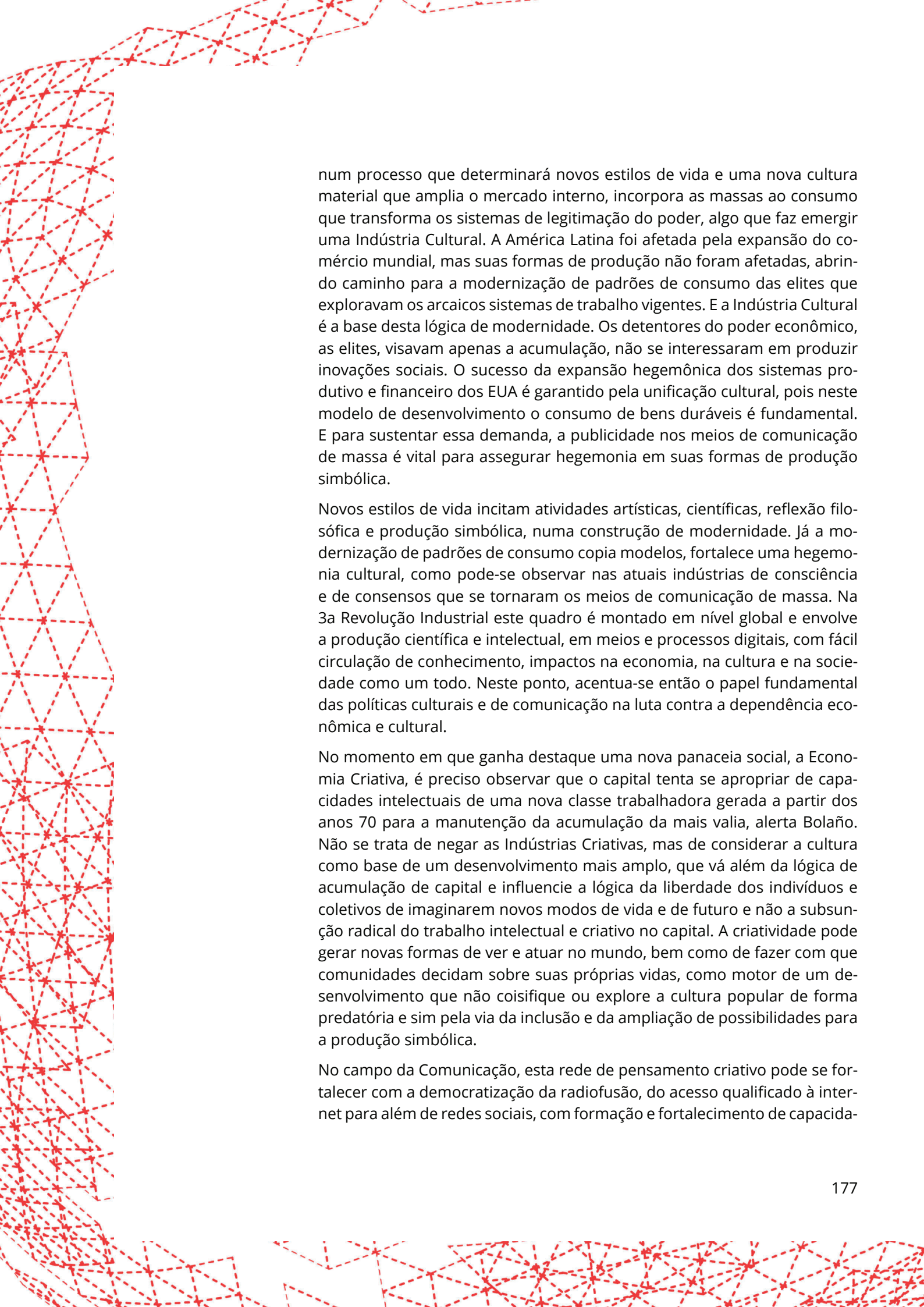
do, em que projetos de poder conservadores e oligárquicos (re)tomam o poder por meio da influência da mídia e de modos de recepção e consumo.

Aponta também a necessidade de retomada do pensamento crítico como o proposto por Martin-Barbero nos anos 70 na América Latina, muito embora Bolaño aponte limitações nestes estudos. Ao traçar um histórico dos Estudos Culturais e da Economia Política da Comunicação e da Cultura na AL, o autor destaca que nestas correntes de pensamento residem as bases dos movimentos epistemológicos atuais, que produziram importantes estudos sobre as áreas da Comunicação, através da ALAIC. Considera como renovadoras as visões que reconhecem múltiplas identidades numa sociedade, com as matrizes culturais atuando como mediadoras entre a cultura de massa e o público. A subsunção do trabalho cultural é questão central na 3ª Revolução Industrial, pois a Indústria Cultural alimenta-se do capital cultural, através da subsunção da cultura popular na Economia, devido à transformação de seus elementos em bens de produção cultural nos mercados de consumo do capitalismo monopolista. E assim trava-se o diálogo entre a Indústria Cultural e as culturas populares que dinamizam o conjunto dos bens simbólicos de mercado para reprodução e manutenção da hegemonia.

A Indústria Cultural serve a dois padrões: o Estado e os capitais individuais, em níveis de aproximações de interesses, modos de regulação, realidades históricas e instâncias de poder econômico, político e social. Por outro lado, existem resistências de atores culturais que buscam meios alternativos de influenciar as lógicas e dinâmicas políticas, sociais, culturais e de comunicação, colocando-se a serviço de projetos de libertação. Ao pesquisador-trabalhador cabe o desafio de buscar sua legitimação social e acadêmica mobilizando suas competências cognitivas e comunicativas de mediador social para uma luta epistemológica que produza resultados práticos de transformação da sociedade e de fortalecimento da democracia. São desafios, mas também oportunidades de fazer da pesquisa-ação da comunicação um campo fértil para o desenvolvimento.

Para Bolaño, as teorias de dependência cultural desnudam a dominação ideológica, mas aquela proposta por Celso Furtado foi mais profunda e sofisticada, pela centralidade que dá a cultura. Este livro demonstra como Celso Furtado apresenta uma análise diversa da dependência cultural, pois inverte a lógica e propõe que a dependência cultural precede a dependência técnica, produtiva, econômica ou tecnológica, enxergando o desenvolvimento como processo histórico autônomo e uma etapa necessária na evolução de uma economia capitalista, percebendo “economias não subdesenvolvidas por si mesmas, mas em comparação com outras”. Nas periferias da civilização industrial, a modernização dos padrões de consumo foi imitativa, avançando sem interferir positivamente nas estruturas sociais.

Com a migração em massa de europeus para países temperados, permitiu-se a expansão do sistema industrial e a ampliação da cultura europeia,

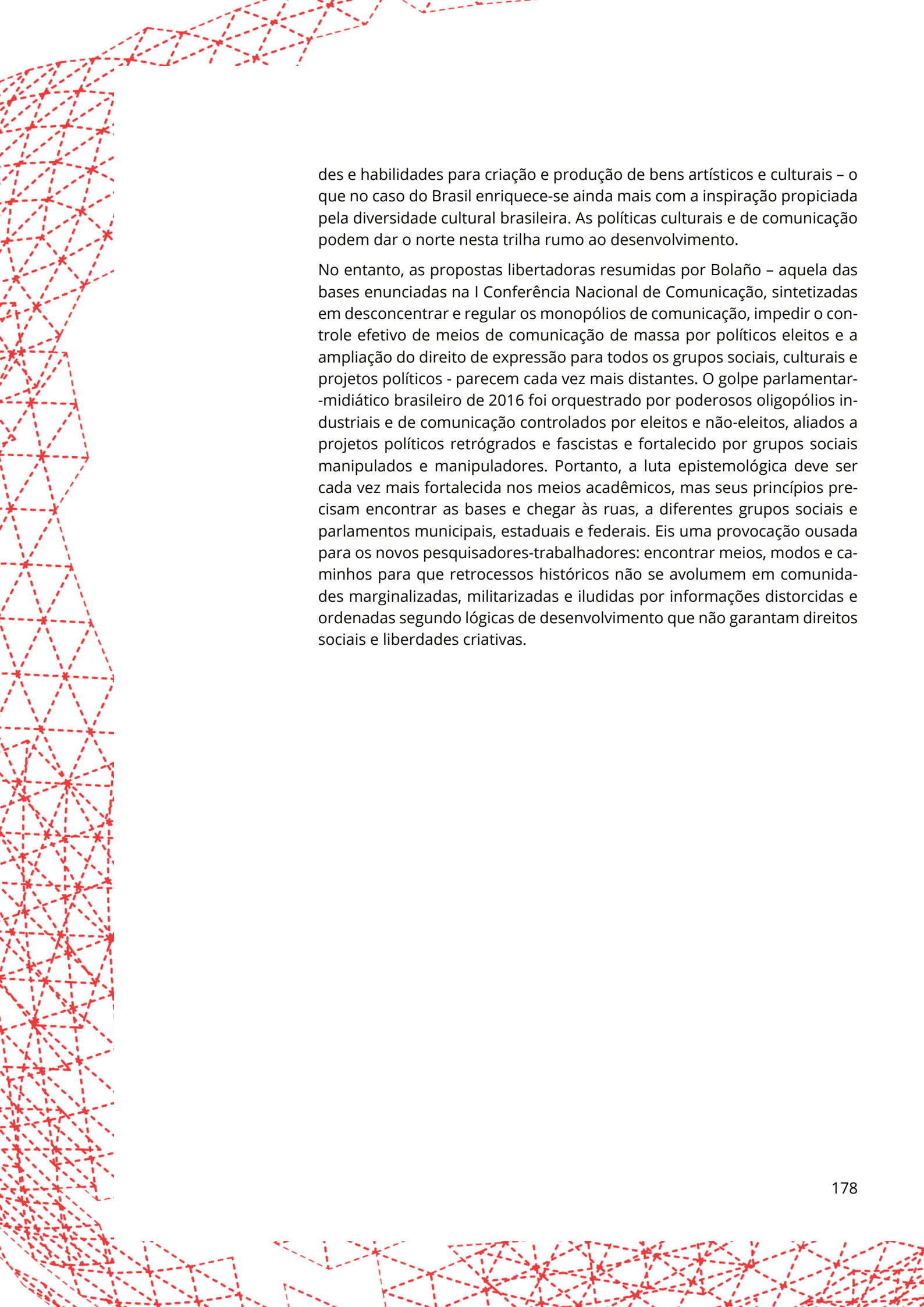


num processo que determinará novos estilos de vida e uma nova cultura material que amplia o mercado interno, incorpora as massas ao consumo que transforma os sistemas de legitimação do poder, algo que faz emergir uma Indústria Cultural. A América Latina foi afetada pela expansão do comércio mundial, mas suas formas de produção não foram afetadas, abrindo caminho para a modernização de padrões de consumo das elites que exploravam os arcaicos sistemas de trabalho vigentes. E a Indústria Cultural é a base desta lógica de modernidade. Os detentores do poder econômico, as elites, visavam apenas a acumulação, não se interessaram em produzir inovações sociais. O sucesso da expansão hegemônica dos sistemas produtivo e financeiro dos EUA é garantido pela unificação cultural, pois neste modelo de desenvolvimento o consumo de bens duráveis é fundamental. E para sustentar essa demanda, a publicidade nos meios de comunicação de massa é vital para assegurar hegemonia em suas formas de produção simbólica.

Novos estilos de vida incitam atividades artísticas, científicas, reflexão filosófica e produção simbólica, numa construção de modernidade. Já a modernização de padrões de consumo copia modelos, fortalece uma hegemonia cultural, como pode-se observar nas atuais indústrias de consciência e de consensos que se tornaram os meios de comunicação de massa. Na 3ª Revolução Industrial este quadro é montado em nível global e envolve a produção científica e intelectual, em meios e processos digitais, com fácil circulação de conhecimento, impactos na economia, na cultura e na sociedade como um todo. Neste ponto, acentua-se então o papel fundamental das políticas culturais e de comunicação na luta contra a dependência econômica e cultural.

No momento em que ganha destaque uma nova panaceia social, a Economia Criativa, é preciso observar que o capital tenta se apropriar de capacidades intelectuais de uma nova classe trabalhadora gerada a partir dos anos 70 para a manutenção da acumulação da mais valia, alerta Bolaño. Não se trata de negar as Indústrias Criativas, mas de considerar a cultura como base de um desenvolvimento mais amplo, que vá além da lógica de acumulação de capital e influencie a lógica da liberdade dos indivíduos e coletivos de imaginarem novos modos de vida e de futuro e não a subsunção radical do trabalho intelectual e criativo no capital. A criatividade pode gerar novas formas de ver e atuar no mundo, bem como de fazer com que comunidades decidam sobre suas próprias vidas, como motor de um desenvolvimento que não coisifique ou explore a cultura popular de forma predatória e sim pela via da inclusão e da ampliação de possibilidades para a produção simbólica.

No campo da Comunicação, esta rede de pensamento criativo pode se fortalecer com a democratização da radiodifusão, do acesso qualificado à internet para além de redes sociais, com formação e fortalecimento de capacida-



des e habilidades para criação e produção de bens artísticos e culturais – o que no caso do Brasil enriquece-se ainda mais com a inspiração propiciada pela diversidade cultural brasileira. As políticas culturais e de comunicação podem dar o norte nesta trilha rumo ao desenvolvimento.

No entanto, as propostas libertadoras resumidas por Bolaño – aquela das bases enunciadas na I Conferência Nacional de Comunicação, sintetizadas em desconcentrar e regular os monopólios de comunicação, impedir o controle efetivo de meios de comunicação de massa por políticos eleitos e a ampliação do direito de expressão para todos os grupos sociais, culturais e projetos políticos - parecem cada vez mais distantes. O golpe parlamentar-midiático brasileiro de 2016 foi orquestrado por poderosos oligopólios industriais e de comunicação controlados por eleitos e não-eleitos, aliados a projetos políticos retrógrados e fascistas e fortalecido por grupos sociais manipulados e manipuladores. Portanto, a luta epistemológica deve ser cada vez mais fortalecida nos meios acadêmicos, mas seus princípios precisam encontrar as bases e chegar às ruas, a diferentes grupos sociais e parlamentos municipais, estaduais e federais. Eis uma provocação ousada para os novos pesquisadores-trabalhadores: encontrar meios, modos e caminhos para que retrocessos históricos não se avolumem em comunidades marginalizadas, militarizadas e iludidas por informações distorcidas e ordenadas segundo lógicas de desenvolvimento que não garantam direitos sociais e liberdades criativas.